

Vulnerabilidade, pobreza e a evolução no Distrito Federal

2015 . Ano 12 . Edição 86 - 28/03/2016



Flávio de Oliveira Gonçalves

Como caracterizar as localidades do Distrito Federal (DF), unidade da federação que apresenta a um só tempo, o maior Índice de Desenvolvimento Humano-IDH do país e a pior distribuição de renda? Qual a relação entre o desenvolvimento humano e a vulnerabilidade à pobreza financeira nas Unidades de Desenvolvimento Humano (UDHs) da capital? O objetivo deste estudo é o exame da vulnerabilidade relacionada à renda no DF, situando-a no tempo e no espaço. Para tanto, buscou-se identificar peculiaridades existentes em porções menores do território, estratégia viabilizada pelos dados disponibilizados no Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (Pnud, Ipea, FJP, 2013), mediante a subdivisão do território do DF em UDHs, i.e., territórios relativamente homogêneos em termos sociais.

Inicialmente, procedeu-se a uma análise descritiva dos resultados do IDHM. No DF, esse índice passou de um nível considerado alto (0,725) em 2000 para um muito alto (0,824) em 2010. Em 2010, para o conjunto das UDHs do DF o menor IDHM registrado foi de 0,616 para 6 UDHs (eg. SCIA: Vila Estrutural/Aterro do Lixão). O maior valor foi 0,957 para Brasília: Asa Norte e Sudoeste/Octogonal. Houve, portanto, uma evolução importante em relação a 2000, quando o índice variou de 0,445, SCIA: Vila Estrutural/Aterro do Lixão, a 0,903 Brasília: Asa Norte.

A educação foi o principal componente dessa melhoria, saindo de 0,582 para 0,742. Os avanços mais significativos ocorreram nas UDHs que, inicialmente, apresentavam resultados piores, o que indica redução da desigualdade. Considerando as faixas do IDHM, as UDHs se distribuíram da seguinte forma: 29 com IDHM médio, 91 Alto, 113 Muito Alto. No entanto, 6 UDHs registraram valores muito próximos ao corte do IDHM baixo, como Sobradinho II: Vila Rabelo, SCIA: Vila Estrutural/ Aterro do Lixão e Recanto das Emas: Q508. Q510. Q511, todas com IDHM equivalente a 0,616.

Posteriormente, foram testadas as relações contemporâneas e de precedência temporal entre os componentes da pobreza e a vulnerabilidade financeira nas UDHs, bem como possíveis relações de dependência espacial. Investigam-se indícios de relações de dependência territorial e convergência dos níveis de IDH. Os resultados apontam uma forte relação entre a vulnerabilidade e as condições de vida dos jovens e condições de habitação. Sobre a habitação, pesam características como a indisponibilidade de energia e água e esgoto tratados. Sobre os jovens, recaem os problemas do desemprego e da gravidez precoce. Dentre as relações contemporâneas significativas apenas a gravidez na adolescência não precedeu temporalmente a vulnerabilidade financeira.

Para compreender como se dá a dependência espacial do IDH e da vulnerabilidade à pobreza no DF, foi aplicado o índice de Moran. Esse índice é expresso a partir de medidas de dissimilaridade entre suas posições. Os resultados mostraram um aumento da correlação espacial do tipo alto-alto nas regiões centrais do DF. As correlações do

tipo baixo-baixo encontram-se na periferia e alteram-se entre os períodos analisados, o que demonstra o deslocamento das oportunidades econômicas no território, além do surgimento de novas ocupações.

Aplicado à proporção de vulneráveis à pobreza, o índice de Moran evidenciou como essa situação interfere na realidade das UDHS mais periféricas. Nos dois períodos analisados, as áreas periféricas tenderam a replicar situações adversas, enquanto no centro observou-se movimento contrário. Essa dinâmica encerra um círculo vicioso da pobreza no DF, no qual a proximidade entre UDHS vulneráveis gera influência mútua, dificultando ainda mais seu rompimento.

Finalmente, foi realizado um estudo sobre a convergência dos níveis de IDH entre as UDHS do DF e a RIDE. Para a primeira amostra (DF), observou-se a convergência a uma velocidade de 3,9% ao ano, o que significa um tempo de 17,8 anos para redução de 50% das diferenças. Diante desse resultado, considerou-se importante investigar um possível processo de gentrificação. Analisou-se, a seguir, o processo de convergência na segunda amostra. Nesse caso, também ocorreu convergência entre as UDHS, em velocidade pouco superior (4%). A média do aumento do IDH nas UDHS da periferia metropolitana da RIDE foi 0,04 maior que a do DF. Ou seja, apesar da persistência da vulnerabilidade e da alta correlação espacial entre níveis altos no centro e baixos na periferia, observa-se que as desigualdades têm se reduzido no Distrito Federal e sua periferia metropolitana, o que indica mais uma “contaminação positiva” que um processo de gentrificação.

Flávio de Oliveira Gonçalves é diretor de Estudos e Políticas Sociais da Companhia de Planejamento do Distrito Federal- Codeplan/DF

Copyright © 2007 - DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO

É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação sem autorização.
Revista Desafios do Desenvolvimento - SBS, Quadra 01, Edifício BNDES, sala 1515 - Brasília - DF - Fone: (61)
2026-5334